

## O PROJETO CIVILIZADOR PRESBITERIANO NA CHAPADA DIAMANTINA

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (Universidade Tiradentes/UNIT) Doutora em Educação. Professora da UNIT. Líder do Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais (UNIT). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (UFS) – [ester.fraga@uol.com.br](mailto:ester.fraga@uol.com.br)

### Resumo

*Este artigo trata da ação civilizadora de missionários presbiterianos norte-americanos, vinculados à Missão Central do Brasil, e das representações construídas nas atas que produziram para a Junta de Nova Iorque e nos relatórios realizados por comissões enviadas dos Estados Unidos sobre o Brasil. Um primeiro movimento verifica a implantação de um projeto civilizador no hinterland brasileiro, através da organização de igrejas, escolas e hospitais em Sergipe, Mato Grosso, Goiás e norte de Minas Gerais. Em seguida, procura-se perceber como aqueles sujeitos se auto-representaram naquela situação de escrita obrigatória, de prestação de contas das ações realizadas na área sob sua jurisdição.*

Palavras-chave: Civilização; Presbiterianos Norte-Americanos; Bahia.

### Introdução

Durante o período em que a Missão Central do Brasil esteve presente no *hinterland* brasileiro, ela produziu uma imagem de progresso e civilização sobre si tanto para a população daquela região como para os seus pares norte-americanos. A estação missionária Ponte Nova construída no sertão baiano, com todo o aparato humano e arquitetônico do Instituto Ponte Nova, da Igreja Presbiteriana e do Grace Memorial Hospital, se apresentava como uma ilha de civilização naquele mar de ignorantes e atrasados, que necessitavam ser redimidos pela mensagem que seus representantes ofereciam àquela terra incógnita, como Horace M. Lane denominava o interior brasileiro. Para ele, no vasto interior do país, “a vida continuava em grande parte o que havia sido no tempo colonial” e nos Estados de Goiás, Mato Grosso e especialmente Bahia, Sergipe e Ceará, a pobreza era extrema e a população rarefeita (Nascimento, 2004).

A missão dos *mensageiros de Deus* era trazer a civilização<sup>1</sup> a uma terra inóspita, árida, vazia, transformando as feições da região. Para os missionários, as dificuldades geográficas, climáticas e econômicas, as distinções sociais e culturais que existiam

---

<sup>1</sup> Para Elias (1990, p. 23), o conceito de civilização se refere a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, ao modo como são preparados os alimentos. Não existe nada que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”.

possibilitariam efetivar seu projeto civilizador para os trópicos brasileiros. Civilizar significava, para eles, oferecer àquela população a salvação do espírito, através dos seus preceitos religiosos, e do corpo, pela suas instituições nas áreas educacional e médica. Desse modo, a intervenção daqueles norte-americanos foi se estendendo a tudo o que se relacionava ao ordenamento urbano e ao “bom” funcionamento de um grupo social (Nascimento, 2005a).

Os discursos presentes nos documentos não são expressões de sujeitos individuais, mas apontam para a existência de uma rede complexa de diálogos, além do que essa escrita não representa a única modalidade de intervenção na ordem religiosa e social. Cabe também registrar que as minutas e relatórios foram produzidos pelos missionários entre 1897 e 1937, período em que a Missão Central do Brasil, ainda na sua conformação inicial, atuou no *hinterland* como órgão representativo da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos (Nascimento, 2005b).

As minutas eram relatos das reuniões realizadas, assinadas pelo presidente e secretário da Missão. Constavam do registro dos presentes e seus respectivos cargos, os avanços obtidos e os problemas enfrentados por eles em suas áreas de trabalho, os planos orçamentários com as projeções para a ampliação de suas ações nas áreas educacional, religiosa e de saúde. Já os relatórios eram estudos realizados por representantes da Junta de Nova Iorque, enviados ao Brasil para verificar *in loco* a situação social e econômica da população que se encontrava no raio de ação dos missionários, e os resultados obtidos por estes.

Ao tomar o discurso religioso dos missionários presbiterianos norte-americanos como uma fonte para pensar a produção e as próprias representações acerca da religião, saúde e educação escolar no *hinterland* brasileiro no início do século XX, é necessário percorrer e considerar esse conjunto de observações sobre os discursos e sobre a escrita. Trabalhando com o discurso religioso, é possível compreender as operações que corroboraram em sua produção na forma escrita, as condições que participaram de sua construção, bem como os procedimentos de exclusão e os sentidos que procuraram imprimir às suas ações.

## **Incursões na Chapada Diamantina**

Ao demonstrar preocupação com a construção de uma ordem civilizada e saudável para a região, a Missão Central do Brasil utilizou-se da estratégia de se apresentar não somente como uma agência religiosa, mas como uma organização necessária para a consecução de um projeto civilizador, buscando obter maior legitimidade social e evitando ser vista como mais um agrupamento a defender somente interesses religiosos. Miséria, habitações insalubres e mal arejadas, alimentação deficiente e alcoolismo eram alguns dos elementos que mensageiros de Deus destacavam não somente para explicar a situação “mórbida” reinante na região como para apresentarem-se como porta-vozes de uma nova civilização, capaz de redimir aquela população dos males que a afligiam, regenerando homem e sociedade, chamando para si a responsabilidade pela articulação de estratégias de intervenção, capazes de ordenar um novo espaço urbano que pretendiam construir.

Na procura por uma área para instalar a estação missionária presbiteriana, William A. Waddell observou uma fazenda cortada pelo rio Utinga, a fazenda Ponte Nova, distante

60 quilômetros de Lençóis. Em 1905, estabeleceu-se naquela área e, em 1906, a fazenda, de propriedade de Luiz Guimarães e Souza, tenente-coronel da Guarda Nacional (Bahia, 1995), foi comprada pela Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos por 24:000\$000 (vinte e quatro contos de réis), incluindo as taxas de transferência (Central Brazil Mission, 1938). Possuía 1.670 hectares, com área cultivável de 219 hectares (Ruy Barbosa, 1936). A fazenda tornar-se-ia a estação missionária mais importante da Missão Central do Brasil. Mas, por que investir num local de solo tão pobre, já que a pretensão era o estabelecimento de uma escola-fazenda?

Anos depois, Merle Davis, secretário da Junta de Nova Iorque, apresentaria em seu relatório os argumentos por que o novo local fora escolhido por William A. Waddell “por causa do suporte perene de água” e, apesar de ficar próximo às lavras diamantinas, situava-se “no centro de uma área subdesenvolvida do ‘hinterland’ da Bahia” (Davis, 1943, p. 53). A primeira justificativa tem fundamento, pois Waddell, como engenheiro civil, sabia da importância de um manancial numa região tão inóspita. No entanto, a segunda não explicitava a real decisão na “escolha” do espaço pois, como já foi dito anteriormente, o missionário tentara algumas vezes instalar-se nos locais mais desenvolvidos da Chapada Diamantina, sem sucesso.

O projeto inicial de organizar uma escola-fazenda foi redimensionado, transformando-se num projeto de estação missionária, base para outras experiências, que englobaria não somente sua ação na religião e na educação, mas também na saúde. As atas possibilitam inferir que a região geográfica da Chapada era propícia aos planos da Missão Central do Brasil por algumas razões. Além de estar no centro de uma região que ainda não estava ocupada pelo protestantismo, era uma região de ótima salubridade e fértil que, apesar das secas que se abatiam na região, possibilitava obter uma boa produtividade através do uso de técnicas agrícolas. Os missionários ficavam surpresos com “a quantidade de doenças, com a falta de higiene e com o fato de não haver médicos na imensa região”, proliferando a febre amarela e a doença de Chagas. Porém, o que mais os deixava admirados era “como em terras tão férteis eram usados recursos tão atrasados de agricultura” (Central Brazil Mission, 1938).

Um ano após o início da implementação daquela proposta, a Junta de Nova Iorque solicitou à Missão a estimativa da força financeira e humana necessária para efetuar com sucesso aquele experimento e organizar outros. Esta apresentou a necessidade de mais 18 missionários norte-americanos, incluindo suas respectivas esposas, e US\$ 35,000 (trinta e cinco mil dólares) para a compra de terras e equipamentos para estabelecer escolas-fazenda na Chapada dos Veadeiros, em Goiás, no Nordeste da Bahia e outra no Norte de Minas Gerais. Em 1912, o missionário Franklin T. Graham foi enviado para Goiás. Seu relatório de verificação apontava a falta de escolas e igrejas evangélicas em Goiás, levando a Missão a designá-lo para trabalhar no Planalto Central no ano seguinte. Os dados demonstram que a prática da Missão Central do Brasil era seguir um percurso que já fora percorrido por colportores – vendedores ambulantes de impressos protestantes, enviando um missionário para investigar o provável território de instalação o qual produzia um relatório de verificação, apontando as características geográfica, climática, populacional, religiosa, educacional e cultural da área a ser ocupada.

Até abril de 1914, período em que permaneceu na Bahia, William A. Waddell desenvolveu um amplo trabalho de evangelização e educação, supervisionando as escolas primárias que criava, enquanto Laura A. Chamberlain Waddell administrava interinamente

o Instituto Ponte Nova, escola central da organização. Seu sucessor, Cassius E. Bixler, sistematizou, ampliou e solidificou o projeto experimental inicial para o *hinterland* brasileiro. Após assumir, solicitou à Junta de Nova Iorque a organização de um departamento de agricultura no Instituto Ponte Nova e a presença de um engenheiro agrônomo, que desse o suporte necessário para a viabilização do projeto escola-fazenda. No entanto, somente em 1921, a Missão Central do Brasil receberia o primeiro engenheiro agrônomo, Samuel Irvine Graham.

## **A Construção do Espaço Urbano de Wagner**

Quando os missionários presbiterianos norte-americanos se instalaram na fazenda Ponte Nova, a partir de 1906, existiam outras fazendas e algumas casas esparsas naquela região. Em menos de duas décadas surgiria um aglomerado urbano que, apesar de ter dimensões modestas, apresentava marcas da cultura norte-americana. Os signos daquela cultura imprimiram “sua potencialidade sobre o real, fixando marcas, se não perenes, pelo menos tão vigorosas para que ainda subsistam hoje” (Rama, 1985, p. 33). A imagem de uma “ilha” norte-americana, produzida pelos missionários, com seus hábitos e costumes, vai configurando a identidade da futura cidade, rompendo com antigas tradições. A construção de prédios monumentais, a abertura de novas vias de circulação produzindo um traçado urbano, possibilitariam uma intensa circulação entre aquela cidade e outras regiões.

No interior da Chapada Diamantina, sob os auspícios da Missão Central do Brasil, a estação missionária planejada e fundada por William A. Waddell pretendia dominar e civilizar seu entorno, evangelizando e educando, salvando o corpo, a mente e o espírito de moradores da região. Para o missionário, o complexo seria uma fronteira civilizadora no “Brasil tropical”, compondo seu anel de poder através dos missionários que também eram administradores, educadores, engenheiros, médicos e enfermeiras.

Antigo centro produtor de arroz, açúcar mascavo, rapadura e aguardente, o município de Wagner está localizado na Chapada Diamantina Meridional, distante 384 km de Salvador, e 65 km de Lençóis. O nome da cidade homenageia o engenheiro alemão Franz Wagner pelos serviços prestados à população durante a seca que assolou o Nordeste no final da década de 1880. A partir de sua fazenda, foram surgindo outras fazendas, dando origem a um núcleo populacional que ficou conhecido por Cachoeirinha, às margens do rio Utinga, embrião do futuro município. Posteriormente, seus moradores fizeram um requerimento à Câmara Municipal de Morro do Chapéu solicitando a mudança de Cachoeirinha para Wagner, o qual foi atendido, em 8 de abril de 1891 (Bahia, 1995).

Dando visibilidade ao seu projeto civilizador, durante décadas, a Missão Central do Brasil investiu na construção de edifícios para suas instituições – escola, igreja e hospital. Apesar da decadência atual da cidade, ainda hoje é possível verificar a monumentalidade destas construções, tendo em vista o cenário local. A primeira construção realizada por William A. Waddell provavelmente no ano de 1907, foi a Igreja Presbiteriana de Wagner, chamada inicialmente de Igreja Christã Presbyteriana de Ponte Nova. O terreno escolhido para construir a igreja ficava na margem esquerda do rio Utinga, numa área alta e salubre da fazenda. Anos depois, a igreja foi ampliada, construindo-se uma fachada mais moderna. O novo edifício possuía uma torre central, com várias janelas e portas bastante altas e largas, possibilitando uma maior ventilação e iluminação. Ainda sob a direção de William

A. Waddell foram construídas duas casas ao lado da igreja, provavelmente em 1909, que funcionaram inicialmente como internato para os rapazes que estudavam no Instituto Ponte Nova, e salas de aula.

A presença daquele grupo religioso também imprimira um modelo arquitetônico às residências da cidade que ficavam próximas aos seus prédios. Todo aquele aparato pedagógico, cultural, num espaço rural, facultou a formação de um núcleo urbano. O espaço urbano ocupado pela Missão demonstrava uma forma social organizada por aqueles indivíduos. É possível verificar a presença da ordem social presbiteriana norte-americana na realidade física do centro urbano de Wagner na arquitetura de suas casas. Muitas fachadas seguem estilo vitoriano norte-americano, em vértice, com colunas nas extremidades. Algumas ainda possuem as telas de proteção contra os mosquitos.

No centro urbano de Wagner pode-se ler uma simbologia através de uma nomenclatura que manifesta a presença daquele grupo religioso. A principal avenida da cidade chama-se Avenida 12 de Agosto, em comemoração à chegada do primeiro missionário presbiteriano norte-americano ao Brasil, e ao início do funcionamento do Instituto Ponte Nova. A rua Régis recebeu esta denominação em homenagem ao abastado casal presbiteriano Floriano e Carmélia Regis, vindo da cidade de Campo Formoso, provavelmente, na década de 30 do século XX. Na casa em que moravam, tinha um pomar aos fundos; na frente, um grande jardim e, ao lado, uma quadra de esporte, balanços e gangorras. A rua Dalila Costa foi uma homenagem a uma professora sergipana do Instituto Ponte Nova quando ainda era viva. A rua Samuel Graham registra o nome de um missionário norte-americano, ex-diretor do Instituto Ponte Nova. A rua Américo Chagas, do médico baiano, presbiteriano, que também trabalhara no Memorial Hospital, em Wagner. A rua Ponte Nova, em homenagem ao Instituto Ponte Nova.

### **Higienizar, Sanear, Curar... O Cuidado com a Saúde**

Em 1916, chegara à Estação Ponte Nova o médico e cirurgião Walter Welcome Wood com sua primeira esposa, a enfermeira Grace Brown Wood, para atuarem na estação missionária de Ponte Nova. Nascido em 8 de setembro de 1883, na Califórnia, era médico-cirurgião, formado em 1915, pela Leland Stanford University, no mesmo Estado. Três anos depois de sua chegada ao Brasil, revalidou seu diploma na Faculdade de Medicina da Bahia, defendendo tese em Medicina Geral, Cirurgia, Obstetrícia e Oftalmologia. Foi o primeiro médico missionário da Igreja Presbiteriana do Norte dos Estados Unidos enviado para a América do Sul. Em 1922, fez especialização em medicina tropical, na London School of Tropical Medicine. Trabalhou na Missão até 1954.

Logo que chegou, abriu um ambulatório e uma farmácia, construídas com adobe, 50 metros adiante da igreja. Quatro anos depois, a Junta de Nova Iorque deu-lhe permissão para comprar material e equipamentos hospitalares, construir o prédio do hospital, a casa do médico e duas casas para enfermeiras. Sob a direção do Dr. Wood, a Missão solicitou ao Departamento de Engenharia Sanitária do Mackenzie College planos para drenagem das terras de Ponte Nova, para deter a febre amarela e a malária que assolavam a região. Dez anos depois, foram construídos os prédios definitivos do hospital, denominado Grace Memorial Hospital em homenagem à sua primeira esposa, falecida em Wagner, em 21 de junho de 1922. Nesse mesmo ano, Grace Brown Wood faleceu, e o Dr. Walter Wood

casou-se, pela segunda vez, com Mabel Oliver Wood, a qual viria a falecer em Wagner, no dia 6 de junho de 1931.

O primeiro hospital da região da Chapada Diamantina, oferecia os seguintes serviços, distribuídos em quatro pavilhões: clínica médica, cirurgia, obstetrícia, pediatria, ginecologia, urologia, Raio-X, diatermia e laboratório. O hospital possuía enfermarias masculina e feminina, apartamentos particulares, sala de parto e de cirurgia. Os banheiros, a lavanderia e a cozinha ficavam num prédio em separado. Havia também uma área destinada ao isolamento para doenças infecto-contagiosas. O gabinete médico-biométrico, instalado no Grace Memorial Hospital, possuía o seguinte aparelhamento: uma balança, aparelho para mediar a estatura, outro para medir a pressão arterial, além de fichas médico-biométricas (Presbyterian Board of Foreign Missions in the United States of America, 1936).

Apesar de alguns trabalhos produzidos por ex-alunos da instituição afirmarem que a Escola de Enfermagem foi organizada em 1926, os livros de atas da Missão Central do Brasil registram sua organização em abril de 1931, sob a direção de Lydia Hepperle. No ano seguinte, a Missão inaugurou o pavilhão destinado à escola, ao lado do Hospital, oferecendo um curso de três anos, com aulas práticas e teóricas.

O relatório informava que o curso fora dimensionado às necessidades locais com os seguintes objetivos: formar e educar moças brasileiras, formando enfermeiras disseminadoras do modelo higiênico e sanitário presbiteriano norte-americano. Além de serem exemplos de vida saudável, as novas profissionais organizariam e dirigiriam ambulatórios clínicos em locais fora da Estação Missionária Ponte Nova, que não existissem médicos. Ensinaríamos princípios de higiene, alimentação e cuidado com as crianças, dando ênfase ao pré-natal. O curso de enfermagem era compreendido pela Missão como um ministério no qual, a instrução bíblica e a manutenção de serviços devocionais regulares estavam incluídas, formando enfermeiras missionárias.

### **Considerações Finais**

Com todas as dificuldades enfrentadas, a Missão Central do Brasil não desistira do projeto de instalar outras escolas do tipo “Ponte Nova”. No entanto, o relatório do ano de 1928 demonstrava que sua visão sobre o *hinterland* brasileiro tinha sido redimensionada, demonstrando um maior amadurecimento quanto às possibilidades de trabalho na região. A nova proposta educacional e médica para os anos seguintes definia que as escolas “Ponte Nova” teriam o objetivo de preparar pessoas jovens para o serviço voluntário de suas igrejas e professores para suas escolas paroquiais, localizadas geralmente onde possuíssem congregações. A localização das escolas seria definida pela densidade populacional protestante, condições higiênicas, água potável, fertilidade do solo, facilidade de transporte e do acesso aos materiais de construção, além de condições políticas favoráveis. Quanto ao tamanho e natureza do corpo estudantil, seria majoritariamente crianças evangélicas ou filhas de evangélicos, e o número de internos não deveria ultrapassar os cem. Até quando fosse possível, o trabalho educacional seria mantido pela Missão e posteriormente, seria transferido para as agências governamentais. Já o trabalho médico desenvolvido em Wagner seria totalmente missionário e deveria ser utilizado como base para preparar os missionários médicos e doutores brasileiros para suas futuras estações missionárias.

Como resultado daquele projeto, até 1959, as missões presbiterianas norte-americanas vinculadas à Junta de Nova Iorque e ao Comitê de Nashville organizaram escolas, hospitais e escolas de enfermagens, além das igrejas no *hinterland* brasileiro (Comissão Presbiteriana Unida do Centenário, 1959).

A partir do modelo de estação missionária Ponte Nova, esta pesquisa localizou algumas delas, sem, portanto, situar todas cronologicamente. Na cidade de Buriti, Estado do Mato Grosso (Chapada dos Guimarães), foi comprada uma fazenda, e instalado em 1924, o Colégio Evangélico de Buriti, oferecendo os cursos primário e ginásial, além de outros cursos vocacionais, como Agricultura, Economia Doméstica, Artes Manuais e Industriais.

Em Veadeiros, cidade goiana da Chapada dos Veadeiros, foi organizado o Instituto Cristão Veadeirense. Fundada em 1926, pela missionária educadora Jean Porter Graham, a Escola Evangélica Planaltinense funcionou até o ano de 1948. No sul do Estado, foi fundado o Instituto Samuel Graham, em Jataí. Em Rio Verde, o Dr. Donald Gordon organizou um hospital e uma escola de enfermagem. As atas ainda falam de um hospital em Araguaia, Mato Grosso, e de um hospital e escola em Anápolis, Goiás (Central Brazil Mission, 1938).

Durante sua permanência na região, a Missão Central do Brasil dispôs de fazendas, gado, água potável, energia elétrica, tipografia, telefone, avião, veículos e serraria (na qual eram feitos os móveis de suas instituições). Em Bom Jesus da Lapa havia uma fazenda com clínica, templo e escola primária, à margem do rio São Francisco, com barco motorizado. Desde a década de 1940, o avião “Arauto do Evangelho” ligava Wagner, Sítio do Mato, Santa Maria da Vitória, Cocos, Carinhanha, e vários outros pontos, geralmente transportando os alunos internos e os missionários.

Dentre os projetos de modernização do Brasil defendidos por distintos grupos de intelectuais, educadores, médicos, engenheiros, dentre outros, encontrava-se também o projeto civilizador presbiteriano norte-americano implementado no sertão baiano a partir da estação missionária Ponte Nova. Implantado em outras localidades do *hinterland* brasileiro, aquele complexo era uma modalidade do modelo de educação higienista fundamentada no tripé saúde, moral protestante e trabalho. O projeto previa a organização de uma escola-fazenda, oferecendo o curso normal rural. Dessa maneira, seria possível educar uma clientela de situação financeira baixa, isolada do litoral pela falta de estradas e de linhas férreas, fixando-a em seu meio e, conseqüentemente, evitando a migração para as cidades. Além do ensino primário e do secundário, a escola ofereceria cursos complementares voltados para o trabalho.

Como constatado por esta pesquisa, são poucos os estudos que se dedicam a investigar a atuação de missões norte-americanas em outras regiões do país, além do Sudeste. Dos 50 trabalhos relacionados por este estudo que tratam da ação protestante no Brasil tanto na área religiosa como na educacional, 39 referem-se ao Sudeste. Apenas um trata da ação presbiteriana na região Centro-Oeste, outro no Sul e nove no Nordeste. Dentre estes, seis trabalhos investigaram a ação presbiteriana na Bahia, dois em Sergipe e um no Estado de Pernambuco.

Ainda são raros os trabalhos acadêmicos que tratam da ação civilizadora da Missão Central do Brasil no *hinterland* brasileiro. Há muito ainda a pesquisar a respeito da atuação da Missão Central do Brasil no cenário baiano. Mesmo não sendo possível fazer aqueles sujeitos falarem, poder-se-á falar em seu lugar, das realidades de sua época, de

suas intenções e ações, assim como das intenções e ações que facultaram o desconhecimento de sua existência na historiografia educacional brasileira. Necessário se faz investigar mais a fundo a formação de várias gerações de professores, pastores, enfermeiros e técnicos agrícolas, propagadores daquele padrão cultural norte-americano – o presbiteriano.

## THE PROJECT CIVILIZING PRESBYTERIAN IN THE TABLELAND DIAMANTINA

### Abstract

This article deals with the civilizing action of North American presbyterians missionaries, tied to the Central Brazil Mission, and the constructed representations in the acts that had produced for the Board of New Iorque and its reports carried through for commissions sent to the United States joined on Brazil. A first movement verifies the implantation of a civilizing project in hinterland Brazil, through the organization of churches, schools and hospitals in Sergipe, Mato Grosso, Goiás and north of Minas Gerais. After that, it is looked to perceive as those citizens if auto-they had represented in that situation of obligatory writing, of rendering of accounts of the actions carried through in the area under its jurisdiction.

Key Words: Civilization; Presbyterians North American; Bahia.

### Referências Bibliográficas

BAHIA. **Projeto Wagner. Câmara de Comércio Americana-BA/Governo do Brasil.** Wagner: Arquivo do Instituto Ponte Nova, 1995.

CENTRAL BRAZIL MISSION. **Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission, 1897-1912.** Vitória: Arquivo particular de James Wright, 1912.

CENTRAL BRAZIL MISSION. **Minutes of the Meetings of the Central Brazil Mission, 1904-1938.** Vitória: Arquivo particular de James Wright, 1938.

COMISSÃO PRESBITERIANA UNIDA DO CENTENÁRIO. **Presbiterianismo no Brasil, 1859-1959.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959.

DAVIS, J. Merle. **How the church grows in Brazil: a study of the economic and social basis of the evangelical church in Brazil.** Concord: The Rumford Press, 1943.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador. Formação do Estado e civilização.** V. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

NASCIMENTO, Ester F. Vilas-Bôas C. do. **Educar, curar, salvar: uma ilha de civilização no Brasil Tropical.** São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade. Tese de Doutorado. 2005a.

\_\_\_\_\_. “Os missionários da educação e o Instituto Ponte Nova”. **Revista Lusófona de Educação.** 1º semestre de 2005, nº 5. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2005b, p. 111-126.

\_\_\_\_\_. **A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913).** São Cristóvão: Grupo de Estudos em História da Educação/NPGED/UFS, 2004.



PRESBYTERIAN BOARD OF FOREIGN MISSIONS IN THE UNITED STATES OF AMERICA. **Grace Memorial Hospital**. S.l.: s.n, 1936.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RUY BARBOSA. **Documento de Declarações à Colletoria Estadual da Cidade de Ruy Barbosa sobre a propriedade Fazenda Ponte Nova**. Wagner: Arquivo do Instituto Ponte Nova, 1936.